



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA MAIO 2025

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Maio 2025, 3

Importações, 8

Apêndice A – Maio 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Maio 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Alderlan Oliveira

Com uma piora das expectativas para a economia mundial, volume e preços dos produtos exportados pelo estado recuaram em maio. As vendas externas somaram US\$ 800,9 milhões no mês passado, com queda de 15,4% no comparativo interanual. Esse resultado foi influenciado tanto pela queda no volume embarcado, que recuou 13,5%, quanto pelo fator preço, 2,2% inferior a maio de 2024. No acumulado até maio, as vendas externas da Bahia alcançaram US\$ 4,56 bilhões, o que ainda supera o resultado obtido em igual período do ano passado em 2,6%.

Ao mesmo tempo, as importações despencaram 58%, a US\$ 655,9 milhões, resultado aquém das expectativas, mas que mostra o impacto da política monetária influenciando nas expectativas sobre o ritmo da atividade econômica. O volume de desembarques caiu 53,4%, enquanto que os preços ficaram 10% menores no comparativo com maio de 2024.

As informações foram analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento (Seplan), a partir da base de dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

A retração das exportações foi puxada pela indústria (-36,2%), principalmente, pela queda nas vendas de derivados de petróleo em 80,3%, produtos químicos (-19%), papel e celulose (-17,5%) e produtos metalúrgicos (-12%), todos comparados a igual mês de 2024.

O volume embarcado de derivados de petróleo apresentou o recuo mais significativo (-76,7%), diante do aprofundamento da queda nas cotações do petróleo no mercado internacional em meio aos receios de excesso de oferta, em um momento em que a perspectiva para a demanda global permanece incerta.

Em maio, o desempenho das principais *commodities* agrícolas exportadas pela Bahia foi afetado pela queda de preços, apesar do aumento de volume. Isso ocorre devido ao aumento da safra agrícola prevista para este ano em 9,8%. O crescimento das receitas da agropecuária, no mês passado, chegou a 14,1% no comparativo interanual, puxado pelo aumento do quantum que cresceu 28,7%, já que os preços médios recuaram 11,4%. O preço da soja, item mais exportado em maio, caiu 10,5% contra igual mês de 2024.

Já a indústria extrativa cresceu 4,8%, puxada pelas vendas de ouro, sempre visto historicamente como um porto seguro em tempos de instabilidade econômica e geopolítica.

Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-maio 2024/Jan.-maio 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	4.446.215	4.563.651	2,64
Importações	4.764.199	3.832.890	-19,55
Saldo	-317.984	730.761	-329,81
Corrente de comércio	9.210.414	8.396.541	-8,84

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 jun. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Tanto a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) quanto o Banco Mundial projetam que o crescimento global desacelerará de forma acentuada em 2025, prejudicado pela incerteza decorrente da volátil política comercial dos EUA em relatórios divulgados no início de junho de 2025.

Coletivamente, a economia global deve crescer 2,9% este ano e no próximo, disse a OCDE em seu relatório trimestral. Isso representa uma revisão para baixo em relação às previsões anteriores do grupo, que indicavam um crescimento de 3,1% em 2025 e 3% em 2026, e sugere que a economia mundial deve desacelerar em relação à expansão de 3,3% registrada no ano passado.

Novos aumentos nas barreiras comerciais amorteceriam ainda mais o crescimento global, alertou a OCDE, instando os governos a fecharem acordos comerciais para evitar uma desaceleração ainda mais acentuada.

Menor crescimento e menos comércio afetarão as rendas e desacelerarão o crescimento do emprego. O ataque tarifário do presidente dos EUA, Donald Trump, um pilar central de seu segundo mandato na Casa Branca, tem oscilado em meio a desafios legais e negociações comerciais contínuas com países ao redor do mundo. Mas algumas novas tarifas setoriais já foram implementadas, e a oscilação gerou um forte aumento na incerteza, disse a OCDE.

Já o Banco Mundial, em seu relatório *Perspectivas Econômicas Globais*, também levou o banco à guerra tarifária deflagrada pelo presidente dos EUA, Donald

Trump, levou o Banco Mundial a reduzir sua previsão de crescimento global para 2025 em 0,4 ponto percentual, para 2,3%, afirmando que tarifas mais altas e a incerteza crescente representavam um “impacto significativo” para quase todas as economias como consequência da guerra tarifária deflagrada pelo presidente dos EUA.

O banco reduziu suas previsões para quase 70% das economias — incluindo EUA, China e Europa, bem como seis regiões de mercados emergentes — em relação aos níveis projetados há seis meses, antes da posse de Trump.

O Banco Mundial agora vê a economia dos EUA — a maior do mundo — perder força e crescer apenas 1,4% este ano, a metade da taxa de 2,8% em 2024. Em janeiro, a expectativa era de um crescimento ainda robusto, de 2,3% para 2025.

Trump abalou o comércio global com uma série de aumentos tarifários que elevaram a alíquota tarifária efetiva dos EUA de menos de 3% para cerca de 15% — seu nível mais alto em quase 100 anos — e desencadearam retaliações por parte da China e de outros países.

“Os riscos para a perspectiva global permanecem decididamente negativos”, apontou o banco, apontando que um aumento adicional de 10 pontos percentuais nas tarifas médias dos EUA, além da alíquota de 10% já implementada e retaliações proporcionais por outros países, poderão reduzir em mais 0,5 ponto percentual a perspectiva para 2025.

O banco não chegou a prever uma recessão, mas afirmou que o crescimento econômico global este ano seria o mais fraco fora de uma recessão desde 2008. Até 2027, a expectativa era de que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global atingisse uma média de apenas 2,5%, o ritmo mais lento já registrado de qualquer década desde a década de 1960.

O relatório prevê que o comércio global crescerá 1,8% em 2025, abaixo dos 3,4% de 2024 e cerca de um terço do seu nível de 5,9% na década de 2000. A previsão se baseia nas tarifas em vigor no final de maio, incluindo uma tarifa americana de 10% sobre importações da maioria dos países; e exclui os aumentos anunciados por Trump em abril e depois o recuo até 9 de julho para permitir negociações.

Tudo isso já é ruim o suficiente. Mas os riscos parecem pender fortemente para o lado negativo. Assim, a incerteza criada pela guerra comercial de Trump poderá levar a quedas muito maiores no comércio e nos investimentos do que as previstas. Sem dúvida, será difícil confiar em quaisquer “acordos” anunciados até aqui. Além disso, o crescimento mais baixo aumentará a fragilidade social, política e fiscal, elevando a percepção de risco nos mercados. Isso poderá gerar um ciclo vicioso, no qual custos financeiros mais altos elevam o risco e, por sua vez, reduzem o crescimento. Devedores frágeis, tanto privados quanto públicos, podem acabar inadimplentes. E choques provocados por desastres naturais ou conflitos seriam ainda mais danosos para a economia.

Também é possível imaginar cenários positivos. Novos acordos comerciais podem ser firmados — e, com certa dose de coragem, muitos poderiam depositar confiança neles. A “poeira mágica” da inteligência artificial poderá provocar um salto na produtividade global e nos investimentos. Além disso, há sempre a possibilidade de que tudo simplesmente se acalme.

E isso está longe de ser tudo. À medida que os EUA recuam de seu papel histórico, outros estão tendo a grandeza imposta a eles. O avanço no enfrentamento das mudanças climáticas e no desenvolvimento econômico depende agora de outras nações. Será preciso, por exemplo, encontrar formas mais eficazes de lidar com os excessos de endividamento. Isso exige um movimento na direção oposta à tendência atual, marcada por uma desconfiança crescente entre os países.

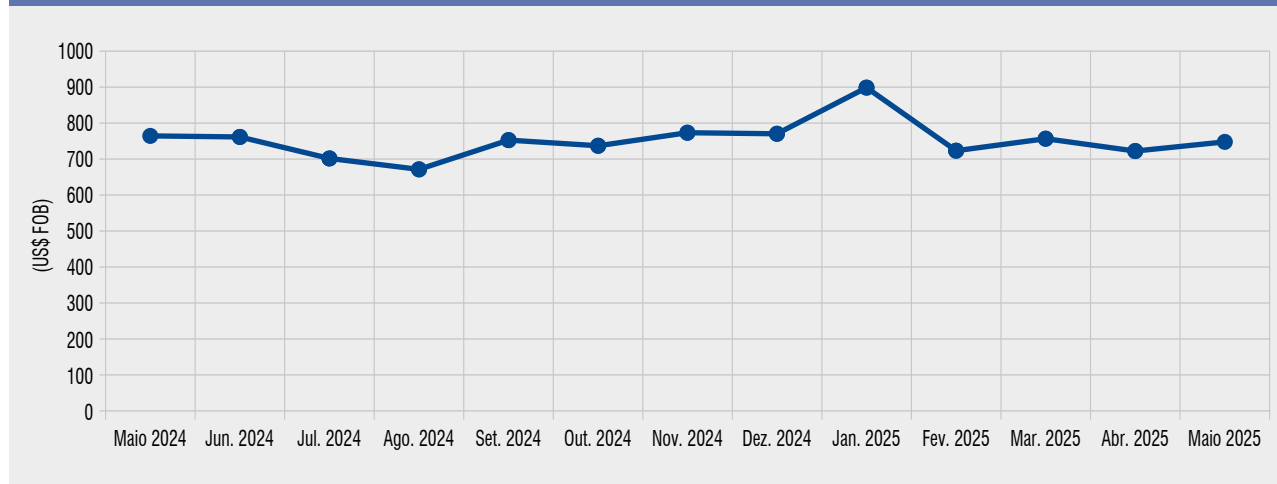
A política mais importante é, portanto, que esses outros países cheguem a um acordo para que sejam reduzidas as barreiras comerciais, em vez de aumentá-las. Uma ampla redução de 1,5 ponto percentual nas taxas de tarifas globais poderia garantir um retorno a um crescimento significativo dentro de alguns anos, bem como menos inflação.

Juntamente com os acordos comerciais, os governos também devem trabalhar para impulsionar o investimento. Na economia rica média, o investimento deve sofrer um impacto sustentado no ambiente atual, semelhante aos danos causados por choques globais anteriores, como a crise financeira global e a pandemia de covid-19.

Vivemos todos no mesmo planeta e nossos destinos estão interligados. A tecnologia moderna tornou isso inevitável. Estamos em um momento decisivo

e é preciso escolher com sabedoria para, com grande esforço, promover um mundo mais próspero e cooperativo, na contramão das projeções.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Maio 2024-Maio 2025



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 13 jun. 2025.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Enquanto os preços das *commodities* permaneceram em queda em maio, o ouro ultrapassou o euro como o segundo maior ativo de reserva global a preços de mercado no ano passado, divulgou o Banco Central Europeu (BCE).

No final de 2024, o ouro em barras representava cerca de 20% das reservas oficiais globais – que incluem divisas e reservas em ouro –, ultrapassando os 16% do euro. O aumento da participação foi impulsionado por uma combinação de estoques dos bancos centrais e preços recordes do ouro.

No geral, os bancos centrais aumentaram as reservas de ouro em mais de um mil toneladas em 2024, pelo terceiro ano consecutivo, com as compras atingindo o dobro do nível médio anual observado na década de 2010.

O preço do metal precioso subiu quase 62% desde o início de 2024, devido a uma combinação de incerteza geopolítica, volatilidade do mercado e compras de bancos centrais, atingindo a máxima histórica de US\$ 3.509,90 a onça-troy em meados de abril. Após o ajuste pela inflação, os preços do ouro, em 2024, superaram seu pico anterior, durante a crise do petróleo de 1979.

Globalmente, as reservas de ouro dos bancos centrais no final de 2024 eram de cerca de 36 mil toneladas, próximas ao recorde histórico de 38 mil toneladas estabelecido em 1965. No ano passado, os maiores compradores foram Polônia, Turquia, Índia e China, bem como o Fundo Estatal do Petróleo do Azerbaijão, de acordo com dados do Conselho Mundial do Ouro.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-maio 2024/Jan.-maio 2025

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	1.986.616	2.305.202	16,04	901.603	878.622	-2,55	19,25	-16,02
Petróleo e Derivados	1.581.652	1.627.873	2,92	936.993	842.873	-10,04	18,47	-12,60
Papel e Celulose	1.336.059	1.337.057	0,07	609.070	597.563	-1,89	13,09	-1,96
Algodão e Seus Subprodutos	182.907	221.432	21,06	348.537	355.519	2,00	7,79	-15,74
Metais Preciosos	270	259	-3,72	280.913	377.580	34,41	8,27	39,60
Café e Especiarias	34.685	48.161	38,85	113.900	292.274	156,60	6,40	84,80
Químicos e Petroquímicos	287.184	228.767	-20,34	394.467	280.763	-28,82	6,15	-10,65
Cacau e Derivados	16.930	22.296	31,70	112.763	254.057	125,30	5,57	71,08
Minerais	242.382	207.053	-14,58	298.507	234.189	-21,55	-29,05	-8,16
Metalúrgicos	62.468	76.205	21,99	99.369	96.436	-2,95	2,11	-20,45
Borracha e Suas Obras	14.944	13.629	-8,80	82.938	75.944	-8,43	1,66	0,41
Frutas e Suas Preparações	52.072	58.581	12,50	77.707	66.161	-14,86	1,45	-24,32
Sisal e Derivados	27.413	31.252	14,00	34.097	42.695	25,22	0,94	9,84
Calçados e Suas Partes	913	1.088	19,11	34.927	35.058	0,38	0,77	-15,73
Milho e Derivados	24.889	92.761	272,69	5.552	19.840	257,33	0,43	-4,12
Couros e Peles	9.243	12.734	37,77	24.569	20.343	-17,20	0,45	-39,90
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	2.022	738	-63,49	21.406	12.487	-41,67	0,27	59,77
Fumo e Derivados	739	464	-37,23	15.404	14.516	-5,77	0,32	50,11
Carnes e Miudezas Comestíveis	3.917	3.677	-6,12	13.549	14.855	9,64	0,33	16,79
Demais Segmentos	41.285	51.610	25,01	38.610	51.870	34,34	1,14	7,47
Total	5.908.970	6.340.838	7,31	4.446.215	4.563.651	2,64	100,00	4,73

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 jun. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

A soja e seus derivados permaneceram na liderança da pauta, mesmo com uma queda em seus preços médios no período em 16% no comparativo anual. Os embarques do setor, contudo, avançaram também 16% no período.

O volume exportado até maio foi de 2,3 milhões de toneladas. As receitas atingiram US\$ 878,6 milhões, queda de 2,6% no comparativo interanual na medida que os preços médios recuaram no mesmo comparativo.

Segundo a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), o estado da Bahia finalizou a safra de soja 2024/2025 com um desempenho relevante. Segundo os números, a produção atingiu 8,7 milhões de toneladas em uma área plantada de 2,1 milhões de hectares. A produtividade foi de, em média, 68 sacas por hectare, sendo este o melhor resultado dos últimos 30 anos.

A produtividade média de 68 sacas por hectare é um marco que consolida o avanço do setor na Bahia. Esse resultado é consequência direta do investimento em biotecnologia, agricultura de precisão, manejo integrado de pragas e do comprometimento do produtor com boas práticas. A irrigação também teve um papel crucial. O estado possui hoje 334 mil hectares irrigados, tendo um crescimento de 40% nos últimos dois anos.

Nos derivados petróleo houve alta de 2,9% de volume embarcado, mas a queda de 12,6% nos preços médios neutralizou esse aumento e fez o valor exportado cair 10%, a US\$ 842,9 milhões.

Em meio a muitas especulações envolvendo o conflito entre Irã e Israel, o que leva a muitas oscilações nas cotações, que está sob pressão altista, sob o ponto de vista do Brasil, os receios sobre fluxos de petróleo naquela região devem representar uma janela de oportunidade

para exportadores do país, no sentido de aproveitar os preços mais altos do que nos últimos meses.

Ainda que haja um aumento dos preços do frete, o Brasil se posiciona para atender demandas internacionais em caso de interrupção de exportação por conta da guerra. Não há indicação de que esse conflito seja resolvido a curto ou médio prazo. Assim, o Brasil tem uma posição favorável e um regime regulatório estável. Há uma oportunidade de vendermos para países que hoje dependem desses produtores no Oriente Médio.

Com relação à celulose, houve reversão no aumento dos preços médios, e no acumulado até maio já há registro de uma queda de 2% nos preços médios, comparados a igual período de 2024. Com estabilidade no volume embarcado, a receita de exportação recuou 1,9%. O cenário de maior instabilidade provocado pelas tarifas do presidente americano, Donald Trump, levou a uma desaceleração na demanda de celulose, sobretudo nos Estados Unidos e na China. As medidas também interromperam o ciclo de alta nos preços da matéria-prima, que vinha ocorrendo desde o início do ano.

Do lado das exportações, os preços são a variável que pode ser mais rapidamente afetada pela guerra comercial. Caso o movimento de queda de preços se intensifique, principalmente das *commodities* agrícolas, as exportações baianas podem ser prejudicadas.

O valor importado em maio teve queda de 58%, enquanto o volume recuou 53,4%, com queda de 10% nos preços comparados a maio de 2024. Há desaceleração em relação ao acumulado até maio. Nesse período, o desembolso com compras externas caiu 19,5%, com queda no volume (-25,5%), mas valorização de 8% nos preços médios, sempre contra igual período de 2024.

Mesmo em queda, a importação em maio é um reflexo de um consumo, que ainda segue muito aquecido, e dos investimentos. Essas categorias tiveram crescimento de 23,7% e 75,7% respectivamente, no comparativo interanual. De certa forma, a importação de bens de consumo reflete essa demanda interna que ainda está aquecida e que acaba vazando para o exterior. Já o aumento em bens de capital se concentraram em veículos, aviões e máquinas e aparelhos mecânicos, previstos para acontecer nesse novo ciclo de investimentos no estado.

No acumulado de janeiro a maio, as importações aumentaram em três das quatro categorias econômicas. A exceção foi combustíveis, com queda de 60,3%, sempre comparado a igual período do ano anterior.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-maio 2024/Jan.-maio 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	2.342.019	2.584.625	10,36	67,43
Combustíveis e lubrificantes	2.165.899	860.269	-60,28	22,44
Bens de capital (BK)	192.798	317.511	64,69	8,28
Bens de consumo (BC)	62.936	66.495	5,65	1,73
Bens não especificados anteriormente	547	3.991	629,58	0,10
Total	4.764.199	3.832.890	-19,55	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 jun. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

